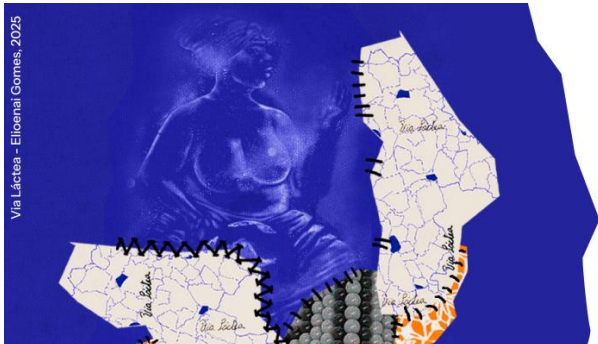




FOTOGRAFIA ECOLÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ANTOTIPIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lunardo Martins de Albuquerque¹ – IFCE

Este relato trata acerca de uma vivência realizada com alunos do segundo ano do ensino fundamental da rede municipal de educação de Fortaleza, onde utilizamos a antotipia para produzirmos fotografias ecológicas. A ideia surgiu na disciplina de Experiências Estéticas com Tecnoimagens no Ensino de Artes, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Após a leitura do artigo “Fotografia Experimental: A Antotipia como possibilidade de abordagem da arte contemporânea na Educação Básica” e juntamente com a efetiva participação nas aulas onde criamos imagens utilizando pigmentos naturais e luz solar.

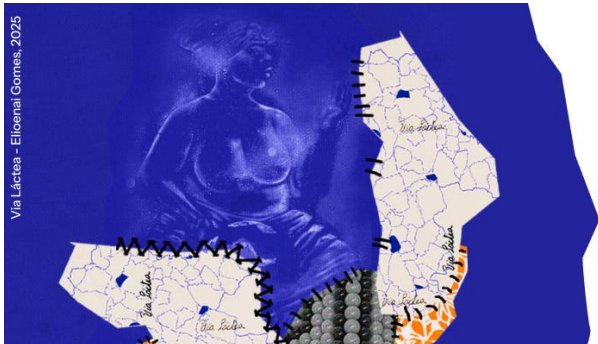
Palavras-chave:

Antotipia; Fotografia; Ensino Fundamental; Arte;

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Quando eu vi o nome da disciplina que iria cursar nesse semestre no Mestrado, foi inevitável uma breve reflexão acerca do termo "Experiência Estética". Percorri os caminhos da memória e numa visita ao passado tentei lembrar da primeira vez em que vivenciei uma Experiência Estética. Tentativa frustrada no que diz respeito a identificar a primeira sensação de desligamento perante a arte. Não consegui recordar se foi música, filme, teatro ou qualquer um dos muitos contatos que tive com tintas, pinceis, lápis, cores... Minha recordação é que conheci a Experiência Estética na vivência, sentindo o tempo parar, outra dimensão se constituir e tudo mudar de significado perante a abstração proporcionada pelo contato com a Arte. Cotidiano,

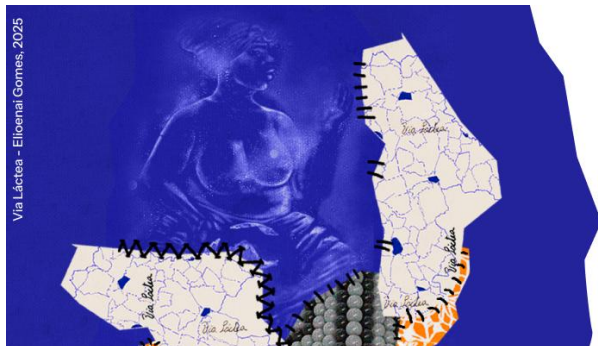
¹Lunardo Martins de Albuquerque. Ator, Pedagogo (FLATED), Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, Especialista em Metodologias do Ensino de Artes (UECE) e Mestrando em Artes (IFCE) as. E-mail: lunardoteatro@gmail.com.



agitação, ruídos, problemas... nada disso existia quando adentrava no mundo dos sentidos. E o resultado dessa interação trazia uma força e uma motivação tão intensa que por vezes culminava na criação de algo. E foi justamente isso que aconteceu no decorrer da disciplina. Vivenciamos experiências diversas, refletimos, apreciamos, contextualizamos e fomos impulsionados a construir. E foi seguindo esse impulso e pensando no desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da autonomia, da experimentação, da reflexão e da aquisição de conhecimento sobre uma técnica fotográfica que não utiliza equipamentos analógicos, eletrônicos ou digitais, que decidi vivenciar junto com meus alunos a criação de uma “Fotografia Ecológica”. Uma oportunidade de trazer para os alunos do segundo ano da Escola Municipal Madre Teresa de Calcutá, que já nasceram num mundo digital, esse contato com uma forma diferente de conceber uma imagem. Onde o esforço para fazer uma fotografia é bem mais complexo que um simples clicar num botão de uma máquina e bem mais desafiador que um toque na tela de um smartphone.

UMA FOTOGRAFIA DIFERENTE

Próximo do encerramento da aula, informei à turminha que na segunda-feira, haveria uma “aula diferente”. Iríamos conhecer a Antotipia e de imediato vieram as muitas falas e expressões de curiosidade. Algo bom, bem cotidiano e dentro da normalidade, haja vista se tratar de um grupo de crianças com idade entre sete e oito anos, alunos do 2º ano do ensino Fundamental. Durante o final de semana fui acompanhando as previsões meteorológicas e quando chegou a segunda-feira, o tempo estava nublado e decidi esperar um dia de sol para realizar a atividade proposta. Grande foi a alegria quando o dia seguinte amanheceu com a “claridade”, com a luz necessária para o nosso experimento. Fiz foto do céu, consultei a previsão meteorológica e dei início aos trabalhos com a turminha. Inicialmente convidei os alunos para pegarem algumas “plantinhas” no jardim da Escola. Trouxeram as plantas para sala, colocamos sobre uma folha de papel, tamanho A4 e registramos com uma fotografia feita com meu celular. Mostrei a foto para a turma, escutei os comentários



e perguntei se eles conheciam alguma outra forma “de registro de imagem” que não fosse celular ou máquina fotográfica. Será que existe uma outra forma de fazer uma fotografia? Seguimos nossa conversa explicando que o meu professor do Curso de Mestrado havia ensinado para a gente uma forma de “registrar uma imagem” sem usar o celular ou uma máquina e que ele havia sugerido que eu consultasse se a turma gostaria de conhecer esse experimento. Iríamos conhecer a Antotipia:

A antotipia é um processo fotográfico de impressão que utiliza a fotossensibilidade dos pigmentos contidos nas flores. Ao incidir sobre os pigmentos vegetais, os raios luminosos causam seu clareamento, de modo a possibilitar a impressão de imagens sobre o papel emulsionado com a tintura vegetal. (MEDEIROS & SALES apud COELHO, 2013, p. 9)

Conversamos sobre a Antotipia e perguntei se eles queriam aprender a fazer essa fotografia diferente e após um sonoro SIM, dei seguimento a atividade. Apresentei os materiais que iríamos utilizar, permiti que eles interagissem por um tempo com os materiais e objetos relacionados à experiência. Ralamos a beterraba, misturamos com um pouco d’água, obtivemos uma “aguinha quase rosa”, orientei que pintassem a folha de papel A4 com o líquido extraído da mistura beterraba com água, colocamos algumas “plantinhas” sobre o papel, fizemos um “sanduíche” com a madeira, o papel A4 e o vidro. Com a ajuda de um funcionário da Escola colocamos nosso experimento no telhado da sala. Sol forte.

1 Ralando a beterraba. 2 Pintura.
3 “Sanduíche”. 4 No telhado.



Fonte: O autor

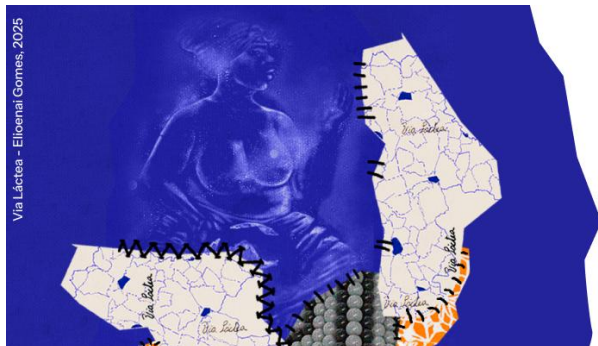
Era por volta de 8:30h da manhã de terça-feira. Conversei com a turma e expliquei que no período da tarde eu iria retirar nosso experimento do telhado da Escola e no dia seguinte iríamos juntos ver o resultado. No dia seguinte reuni a turminha, realizamos um momento relacionado a memória do dia anterior.

Conversamos sobre nossa experiência e juntos contemplamos o resultado do nosso trabalho. Houve um encantamento quando viram que a nossa “Fotografia Ecológica” havia dado certo. Vivenciamos um momento onde gravamos depoimentos acerca da atividade e encerrei a aula informando que iria comunicar na Faculdade que nossa experiência tinha sido bem sucedida. Retomei a leitura do “Artigo”, revisei as anotações relacionadas às aulas da Disciplina e segui com o intuito de realizarmos agora o experimento com o açafrão e o álcool. A meteorologia informava que a semana seria de chuva, entretanto na segunda-feira, pela manhã, as precipitações deram uma trégua e fui para a Escola na expectativa de conseguirmos realizar a atividade proposta. Na escola observamos que a luz necessária oriunda do “astro rei” se pronunciava. Refleti e percebi a importância que a turma precisava de mais autonomia no decorrer da experiência. Todos reunidos, expliquei que usaríamos dois componentes diferentes nessa nova experiência: açafrão e álcool. Dias antes fui no “interior”, numa cidade da região metropolitana de Fortaleza e trouxe algumas plantinhas e flores para utilizar na nossa atividade. Mesmo com essas plantas alguns alunos foram no jardim da Escola coletar mais algumas plantas. Interessante que um aluno teve receio de adentrar no jardim e prontamente foi auxiliado pelo colega que já havia participado dessa ação na semana anterior e portanto, já trazia um pouco de experiência. Retornamos e continuamos nossa atividade na sala. Fui orientando os alunos e eles foram realizando todo o processo. Misturaram açafrão com álcool, passaram no filtro e aplicaram a tinta obtida no papel tamanho A4, escolheram as plantinhas, posicionaram no papel de acordo com suas conveniências, colocaram o vidro, prenderam e levamos para um local bastante iluminado onde outras crianças passavam e observavam.

1 Misturando açafrão com álcool. 2 Pintura.
3 Posicionando as plantinhas. 4 Exposição.



Fonte: O autor



Depois coloquei no telhado e combinamos que iríamos ver o resultado na quarta-feira. No período da tarde eu retirei nosso experimento do sol e guardei. Quando chegou a quarta-feira os alunos retiraram as presilhas, o vidro e pudemos observar nossa criação. Aproveitei o momento para escutar as observações deles, gravamos alguns depoimentos e após uma auto avaliação onde cada um expressou o quanto a atividade tinha sido ou não uma atividade boa. Depois desse momento extremamente importante de escuta, concluímos agradecendo a todos pela participação e envolvimento na vivência proposta. Impossível não continuar refletindo acerca da possibilidade do contato com técnicas artísticas e após essa vivência:

[...] podemos afirmar que no ensino precisamos fomentar experiências com técnicas artísticas que possam funcionar como elementos embreantes para novas abordagens e método de forma teórica e prática, que incentivem o trabalhar com conteúdos de Arte na Educação Básica, explorando as possibilidades da fotografia expandida. (MEDEIROS & SALES)

Concluindo que o ensino de Arte na Educação Básica é um caminho bastante interessante e infinitamente necessário para um desenvolvimento pleno tanto individual quanto coletivo de diversas habilidades e que é possível realizarmos diversas propostas de aulas diferentes. Oportunizando momentos bem mais significativos para nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MEDEIROS, Wendel Alves de; SALES, José Albio Moreira de. FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL: A ANTOTIPIA COMO POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM DA ARTE CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. In: **(Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. João Pessoa (PB) ANPAP, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/383790-FOTOGRAFIA-EXPERIMENTAL--A-ANTOTIPIA-COMO-POSSIBILIDADE-DE-ABORDAGEM-DA-ARTE-CONTEMPORANEA-NA-EDUCACAO-BASICA>.